

# Lâmpada: Signo inventado para a enfermagem

*Lamp: sign invented for nursing*

*Lámpara: signo inventado para la enfermería*

Fernando Porto<sup>I</sup> ; Cláudia Labriola<sup>I</sup> ; Sonia Regina Sousa<sup>I</sup> ; Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>II</sup> 

<sup>I</sup>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil; <sup>II</sup>Universidade Federal da Bahia. Salvador, Brasil

## RESUMO

**Objetivo:** refletir sobre os indícios da tradição inventada do signo da enfermagem, conhecido internacionalmente, como a lâmpada. **Conteúdo:** ao adotarmos o percurso do ensaio teórico para o signo inventado para a enfermagem, discutimos sobre a estética da lâmpada, sua morfologia funcional e léxico (lanterna, lucerna e lâmpada), para o efeito de sua representatividade, considerando os marcos históricos a ela relacionados. **Considerações finais:** entender a implicação do signo como pertencimento para os estudantes e profissionais da enfermagem é assumir sua analogia direta, por semelhança e convencional.

**Descritores:** Enfermagem, História, História da Enfermagem.

## ABSTRACT

**Objective:** to reflect on the signs of the invented tradition of the nursing sign, known internationally as the lamp. **Content:** adopting the path of the theoretical essay for the sign invented for nursing, we discuss the aesthetics of the lamp, its functional morphology and lexicon (lantern, lucerne and lamp), for the purpose of its representativeness, considering the historical milestones related to it. **Final considerations:** understanding the implication of the sign as belonging for nursing students and professionals is to assume its direct analogy, by similarity and conventionality.

**Descriptors:** Nursing; History; History of Nursing.

## RESUMEN

**Objetivo:** reflexionar sobre los indicios de la tradición inventada del signo de enfermería, conocido internacionalmente como la lámpara. **Contenido:** adoptando el recorrido del ensayo teórico para el signo inventado para la enfermería, discutimos sobre la estética de la lámpara, su morfología funcional y el léxico (linterna, luz y lámpara) para efecto de su representatividad, considerando los marcos históricos relacionados a ella. **Consideraciones finales:** comprender la implicación del signo como pertenencia para los estudiantes y profesionales de enfermería es asumir su analogía directa, por semejanza y convencionalidad.

**Descriptorios:** Enfermería; Historia; Historia de la Enfermería.

## INTRODUÇÃO

O símbolo da enfermagem, conhecido internacionalmente, trata-se da lâmpada do tipo greco-romana<sup>1</sup> adotada desde o século XIX. Este advém, historicamente, da participação de Florence Nightingale na Guerra da Criméia (1853-1856), apesar de ela usar uma lanterna de modelo turco para vigiar os acometidos com agravos à saúde.

Cabe esclarecer que signo é o elemento da mensagem, o qual o emissor transmite ao receptor, pois representa determinada coisa. Isto implica em entendê-lo para compreender, interpretar e analisar as necessidades do ser humano. Assim sendo, signos são classificados de acordo com a sua relação; quando direta, tratando-se de índice e, por semelhança, é ícone e convencional do símbolo<sup>2</sup>.

A tríade da classificação do signo tem relação direta com o referente, que é entendido como aquele que se encontra na realidade, mas não concreto, podendo ser imaginário, fictício, sobrenatural ou até mesmo abstrato. Porém, cabe alertar que ele não é o significado entendido como o que encontramos nos dicionários. Para tanto, o índice pode ser natural e/ou artificial, por exemplo, na frase *onde há fumaça há fogo*; o ícone é visual, sonoro, gustativo, olfativo e/ou tátil, e o símbolo é a palavra, número, gestos, artefatos e/ou marcas. Logo, eles podem existir combinados ou não em função do signo<sup>2</sup>.

Articular o signo da enfermagem nos fez remeter ao monumento erguido em homenagem a Florence Nightingale (1915), em *Waterloo Place*, Londres (Inglaterra), cinco anos após o seu falecimento (1910). A estátua em bronze ostenta em umas das mãos o símbolo – a lâmpada do tipo greco-romana.

O símbolo ostentado por Florence pelo movimento por ela criado, no decorrer dos tempos, passou a ser adotado pelas instituições de ensino em prol da profissionalização da enfermagem pelo mundo como Enfermagem Moderna.

Atualmente, em diversas insígnias, bandeiras, dentre outras representações simbólicas, o artefato se destaca, inclusive nos ritos institucionais em prol de manter viva a memória de Florence Nightingale. Ademais, as instituições socioculturais e regulamentadoras da profissão o aplicam. Cita-se no Brasil, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) como exemplos.

Em síntese, como podemos identificar, o signo adotado pela enfermagem refere-se a uma tradição inventada<sup>3</sup>, sendo entendido como parte pertencente do conjunto de práticas reguladas por regras tácitas de natureza ritualística ou simbólica para pertencimentos de valores e normas de comportamento, pela repetição em uma das formas de ligação do passado com o presente.

Para tanto, o signo traz diversas reflexões pela sua polissemia<sup>2</sup> sobre a sua morfologia, aspecto místico e funcionalidade. Logo, tivemos por objetivo refletir sobre os indícios da tradição inventada como signo da enfermagem, conhecido internacionalmente, como a lâmpada.

Assim sendo, justificamos a proposta como ensaio teórico<sup>4</sup>. Este é compreendido como submeter algo a verificação, apesar de não ser definitiva, ou seja, relativa por sua natureza. Isto apontará o aprofundamento da identidade profissional, bem como a motivação para abrir novas indagações investigativas para a profissão e, quiçá, em outros campos do saber.

Mediante ao exposto, apresentaremos alguns textos da literatura nacional e internacional como aporte teórico do campo da semiótica, comunicação, arqueologia, enfermagem e da história sobre o artefato de representação profissional para a enfermagem. Estes foram selecionados por meio da aderência ao objeto de reflexão, quando serão debatidos em prol do atendimento ao objetivo proposto.

## CONTEÚDO

A lanterna turca é apontada pela literatura articulada à biografia de Florence Nightingale e ao contexto do conflito bélico na Criméia. Trata-se de artefato citado em diversas literaturas<sup>1-5</sup>, composto de metal e tecido, com produção de luz por meio de vela.

Encontra-se exposto no *Florence Nightingale Museum*, em Londres (Inglaterra), como difundido em filmes, documentários e peças teatrais. Porém, na mesma localidade, em 1915, um monumento foi erguido em homenagem a Florence, apresentando outro tipo de representação, a lâmpada tipo greco-romana e chama acesa<sup>6</sup>.

A alteração do tipo de representação do artefato chama a atenção de quem conhece a trajetória da homenageada. Isto pode ser encontrado no documentário produzido pela *British Broadcasting Corporation (BBC)*<sup>7</sup> de Londres, em releitura para o público infante-juvenil, que, ao final, traz o questionamento sobre o signo ostentado por Florence na estátua.

Assim, fomos à busca dos indícios<sup>8</sup> deixados em outros campos do saber para reconhecer a morfologia do artefato e a sua funcionalidade. Nesta perspectiva, encontramos as lucernas ou candelas, muitas das quais de produção local.

Estudo<sup>9</sup> realizado em contextos arqueológicos de Bracara Augustana cidade de Braga (Portugal), capital da província romana fundada pelo imperador Augusto (15 a 13 a.C.), traz os artefatos em apreço. Estes descobertos nas escavações em Albergue Distrital (Braga, Portugal), onde foram encontrados vestígios de uma *domus*, também conhecida na arquitetura como claraboia, associada a um possível candelabro que corresponde a um fuste, com a funcionalidade de manter penduradas as candelas ou lucernas ao alto, para iluminação, encontrada nas termas públicas do Alto da Cidade, em Braga<sup>10</sup>.

As lucernas são objetos romanos que podem ser classificados por séries e depois por tipos, tais como: tardo republicano, de volutas, de disco, de canal, mineiras, de bico e vidradas<sup>9</sup>. São encontradas em diversos tipos de contextos, sendo os mais comuns em espaços termais. *Domus* e necrópoles são comuns para o uso doméstico ou votivo como lamparinas ou candeias alimentadas, por exemplo, com azeite, característica do período Romano e Suevo-visigótico<sup>10</sup>.

O artefato, à época de Roma, era um dos objetos que os romanos presenteavam uns aos outros na passagem do ano. Eles costumavam presentear amigos e parentes com lucernas como símbolo de boa sorte<sup>11</sup>. Isto pode ser verificado pelos hábitos e costumes, o que nos chama atenção sobre a sua representação.

Pensar em Roma e seus domínios nos fez retroagir mais no tempo, mais especificamente a 168 a.C. Em síntese, quando os romanos conquistaram a Grécia, o que deu início a um novo período para a história grega, passando de Grécia antiga para Grécia romana denominada Helenismo, período que o Império Romano se apropriou dessa cultura, dando origem à greco-romana. Um dos exemplos foram os protótipos de iluminação dos gregos - lucernas -, especialmente, de consumo e comércio nas comunidades da Península Ibérica<sup>12</sup>.

As lucernas e outros artefatos oriundos da Península Itálica – situada entre a Península Ibérica e Península Balcânica, com 93% de ocupação do território da Itália – eram associados ao uso pelo exército. Isto não significa que eram representativos, mas sim, em volume, consumidas por volta de meados do século I d.C.<sup>12</sup>.

Para tanto, mediante ao artefato da lucerna greco-romana e da lanterna turca, conhecida na voz corrente como lâmpada, acreditamos estarmos frente a um impasse epistêmico. Neste campo, ele é considerado em um estudo metódico e reflexivo do saber no sentido da organização, formação, desenvolvimento e funcionamento com suas respectivas derivações. Etimologicamente, o termo trata-se de discurso (*logos*) sobre a ciência<sup>13</sup>. Assim, entendemos estar diante da categoria vigilância epistemológica pela atitude reflexiva.

O termo lâmpada está relacionado diretamente à iluminação. Essa, nos tempos idos, era produzida a base de combustão, ao dar origem ao fogo para clarear os espaços escuros.

Com a descoberta do fogo, por exemplo, foi possível fazer a fogueira para cozinhar, aquecer e iluminar. Os egípcios, os babilônios e os fenícios o usavam com as diversas finalidades<sup>10</sup>. Na iluminação podemos citar as tochas, inclusive em Roma nos espaços públicos, teatros, festividades e outros recintos, ao ponto de existirem tocheiros como servidores do Estado, bem como as lucernas confeccionadas em barro ou metal<sup>10</sup>.

As lanternas como artefato são antigas como as lucernas, ambas destinada à iluminação pública e privada. Estavam presentes em momentos laicos e religiosos, quando eram associados a diversos ritos como, por exemplo, aos mortos, considerando às superstições articuladas ao fogo com significação de purificação. Com efeito, ela produz luz para as noites nas atividades noturnas. Logo, dentro das residências elas eram utilizadas como suportes de velas ou substância de combustão e, quando levadas para rua, em conjunto, denominavam-se de lanternas<sup>14</sup>.

O termo lâmpada era aplicado anteriormente ao século XIX. Em síntese, no livro da Bíblia ela é entendida, no mínimo, em dois sentidos, a saber: lamparina como instrumento de barro para iluminar e no sentido da permanência da dinastia de Davi - casa real no Reino Unido de Israel e após a reconfiguração, denominado de Reino de Judá (1030 a.C. a 607 a.C.) -, portadora da esperança de restauração do povo de Javé, com a conotação de arar, cultivar a terra pela primeira vez. Com o passar dos tempos, teologicamente, ela passa a ser empregada voltada a conotação de clarear para além das promessas de Davi, especialmente, para a anunciação da vinda de Jesus<sup>15</sup>.

A busca da distinção e/ou desenvolvimento dos termos lâmpada, lucerna, lanterna, dentre outras derivações, entendemos no sentido conotativo/denotativo por se tratar de probabilidades de incertezas. Por outro lado, os artefatos são outra problemática ao aplicarmos os léxicos. Isto aponta para a investigação na abordagem da História dos Conceitos.

Destacamos a História dos Conceitos, quando cabe rastrear no plano da estrutura semântica, bem como perscrutou Reinhart Koselleck (1923-2006) com o termo modernidade. A abordagem trata-se de um conjunto que resgata o entendimento de novas possibilidades com relação à natureza e à história, bem como o tempo em transformação<sup>16</sup>.

Articular a representação do signo é estar frente a determinado impasse epistêmico. Seja ele qual for, a chama do fogo apresenta relação direta com o índice<sup>2</sup> pelo efeito que ela produz – a iluminação. Pensar nele, nos remete a obra, intitulada *Por detrás da chama da lâmpada - a identidade social do enfermeiro*<sup>17</sup>.

A obra<sup>17</sup>, em sua conclusão, registra que a pergunta motivacional para a pesquisas se deveu as dificuldades encontradas por profissionais “desenraizados, soltos, perdidos” em busca de sua identidade profissional. Isto considerando como uma profissão majoritariamente feminina, com raízes no ambiente privado (domicílio) rumo ao público (hospital), quando mulheres cuidavam, pela sua condição social, até seguirem ao ensino formal.

Destacamos que entendemos a expressão ensino formal, quando ocorre a formação do *habitus*<sup>18</sup>. Este age como efeito mágico incorporado pelos agentes sociais, individual e/ou em grupo, quando é inculcado nas suas formas aplicadas de gestos, comportamentos e repertório linguístico rumo à distinção. Logo, aplicado a esta reflexão, ele é uma das estratégias para reafirmar quem é quem nas instituições de saúde, em prol do investimento da valorização no mercado de trabalho e socialmente.

Ao reler o título da obra *Por detrás da chama da lâmpada*, identificamos que a autora careceu de destacar o símbolo, ao optar pela relação direta com o referente do signo<sup>2</sup>. Isto nos chamou a atenção, quando o signo-símbolo foi substituído pelo seu signo-índice como representação.

A chama como produto do fogo, nos remeteu a diversos aspectos. Dentre eles, aquele que ilumina na escuridão, o que transforma e de renovação. Seja qual for ele, a sua articulação ocorre na trajetória da enfermagem como representação significativa no campo profissional.

A obra<sup>17</sup>, ao trazer a chama da lâmpada, nos sinaliza que, para ela permanecer acessa, a sua alimentação se faz necessária. No aspecto material, podemos citar os elementos químicos e no sociocultural, os valores éticos e morais no

exercício profissional da enfermagem. Assim sendo, ela é o índice do signo, por tratar-se de elemento primordial na construção da identidade profissional.

De fato, a lâmpada, lanterna, lucerna e seus derivados, é um signo inventado para a enfermagem. Nesta perspectiva das tradições inventadas<sup>3</sup>, podemos correlacionar ao da bandeira, como por exemplo, quando unem grupos com suas simbologias. Isto implica entender a sua funcionalidade que tem por efeito o pertencimento.

O pertencimento é aqui entendido como pertença, na perspectiva da hermenêutica filosófica. Isto significa que pertence à obra, à história e à linguagem<sup>19</sup>. Assim, ele é uma das formas de estabelecer conexão que ocorre por meio do signo em reflexão, quando o grupo se identifica com a sua representação.

Conduzir a reflexão, nessa perspectiva, é se aproximar da arquisemelhança<sup>20</sup>. Esta é a semelhança originária de si mesma que não fornece a réplica de uma realidade, mas o testemunho de outro lugar, ou seja, de onde ela provém. Isto significa que seja a lanterna, lucerna, lâmpada tipo turca ou greco-romana, trata-se de um suporte – signo – que produz luz que tem relação direta – índice – ao testemunhar a funcionalidade na historiografia da enfermagem.

A representação do artefato, como signo da enfermagem, consiste em alguns aspectos. Assim sendo, nos apropriamos ao estabelecer os nexos, a saber: 1) “é uma dependência do visível em relação à palavra”; 2) é a “relação entre saber e não saber, entre o agir e padecer” e a: 3) “obrigação representativa, entendida como a invenção de ações por regular a realidade”<sup>20:123-124</sup>.

Isso significa que a representatividade da lanterna, lucerna e/ou lâmpada, como signo, produz o efeito de pertença nos profissionais da enfermagem, quando a chama do fogo – índice – se faz presente<sup>21</sup>. Sua representação traz a memória da antecessora na Guerra da Criméia (1853-1856), bem como as suas sucessoras em prol da enfermagem laica e profissional.

Mediante ao exposto, o signo nos ritos institucionais é trazer a memória do passado, para sabermos de onde viemos e para onde queremos seguir, pelo índice que ilumina o futuro do caminhar da profissão. Isto nos aponta a sua relação direta, como parte integrante da construção da identidade profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletiu-se sobre os indícios da tradição inventada do signo da enfermagem, conhecido internacionalmente como a lâmpada. Este foi relativizado, considerando a construção no passado, por meio do signo, como uma das tradições inventadas para a enfermagem. Assim sendo, ele produz efeito de pertencimento, quando aplicados em ritos e ostentados nos corpos dos estudantes e profissionais, por exemplo, mediante a sua relação direta, por semelhança e convencional.

Enfim, mesmo diante do conteúdo apresentado, precisamos entender a mudança ocorrida do artefato turco para a greco-romano, que deixamos como lacuna. Por outro lado, contribuimos com esta reflexão para fortalecer a identidade profissional, reduzir as insuficiências teorizantes e abrir perspectivas investigativas em prol da construção da historiografia da profissão.

## REFERÊNCIAS

1. Porto F, Amorim W. História da Enfermagem Brasileira- lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2008.
2. Pereira JH. Curso básico da teoria da comunicação. Rio de Janeiro: Quartet; 2008.
3. Hosbaw E, Ranger T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2012.
4. Ginzburg C. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
5. Padilha MI, Boresntein MS, Bellaguarda MLR, Santos I. Enfermagem – história de uma profissão. São Caetano do Sul (SP): Difusão; 2020.
6. Osborne S. Mary Seacole v Florence Nightingale: who should have the taller statue? Support the Guardian [Internet website]. 2016 [cited 2023 Feb 14]. Available from: <https://www.theguardian.com/artanddesign/shortcuts/2016/jun/20/mary-seacole-florence-nightingale-statue-st-thomas-hospital-row>.
7. BBC Watch Magic Grandad. Florence Nightingale [vídeo 13';35"]. British Broadcasting Corporation [Internet website]. 2014 [cited 2023 Feb 14]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=XkoaMawiz-o>.
8. Ginzburg C. Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história. São Paulo: Companhia das letras; 1989.
9. Morais R. Autarcia e comércio em Bracara Augusta: contribuição para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial. In: Martins M, Bracara A, organizadores. Escavações Arqueológicas. Braga (Portugal): UAUM/NARQ; 2005.
10. Lourenço MA. Objetos do quotidiano de Bracara Augusta [dissertação de mestrado]. Portugal: Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais; 2012 [cited 2023 Feb 14]. Available from: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/23342>.
11. Veja. Roma por dentro. Veja (São Paulo) [Internet website]. 2016 [cited 2023 Feb 14]. Available from: <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/roma-por-dentro/>.

12. Pereira C. As lucernas romanas no ocidente. Anais do Município de Faro; 2018 [cited 2023 Jul 2023]; Lisboa, Portugal. (PT): Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa Museu de Cáceres: Available from: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36603/1/AS\\_LUCERNAS\\_ROMANAS\\_NO\\_OCIDENTE.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36603/1/AS_LUCERNAS_ROMANAS_NO_OCIDENTE.pdf).
13. Japiassu HF. Introdução ao pensamento epistemológico. São Paulo: Francisco Alves; 1991.
14. Serrano LIM. Lucernas, Candis e Candeias: para uma distribuição geográfica no território português. [dissertação de mestrado]. Portugal: Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras; 2011.
15. Siqueira TM. Tirando o pó das palavras – histórias e teologia de palavras e expressões bíblicas. São Paulo: Cedro; 2005.
16. Bôas LV. Reinhart Koselleck (1923-2006). In: Parado M, organizador. Os historiadores - clássicos da história – de Ricoeur a Chartier. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes; 2014. pág. 93-116.
17. Faher DV. Por trás da chama da lâmpada - a identidade social do enfermeiro. Niterói (Rio de Janeiro): EdUFF; 2000.
18. Bourdieu P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva; 2003.
19. Abbagnano, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes; 2007.
20. Ranciére, J. O destino das imagens. Rio de Janeiro: Contraponto; 2012.
21. Ricouer, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp; 2007.

#### **Contribuições dos autores:**

Concepção, FP e CL; metodologia, FP e CL; análise formal, FP; investigação, FP; curadoria de dados, FP; redação - preparação do manuscrito, GTRS; redação – revisão e edição, SRS; visualização, SRS e GTRS; supervisão, FP; administração do projeto, FP, CL, GTRS e SRS; aquisição de financiamento, sem financiamento. Todos os autores realizaram a leitura e concordaram com a versão publicada do manuscrito.